*Para todos os refugiados agradecidos,*
*que todos os dias renovam esta nação.*

Com amor no coração,
não há nada que não possamos superar.

Chen Yeng

# Prefácio

Diziam-me que nunca voltaria a encontrar outra história da Segunda Guerra Mundial ainda por contar como a de Pino Lella, o herói e base do meu romance histórico *Sob Um Céu Escarlate*. Todavia, eu acreditava sinceramente que sim e ia prestando muita atenção às dezenas de cartas e propostas que recebia de pessoas que me contavam outras histórias daquele período.

A seu modo, todas elas eram incrivelmente interessantes. Mas nenhuma correspondia aos meus critérios — que a história subjacente teria de ser inerentemente comovente, inspiradora e potencialmente transformadora para mim e, como tal, para os leitores.

Então, em novembro de 2017, fui convidado a falar sobre Pino no Rotary Club da minha cidade natal, Bozeman, Montana. Um dentista reformado procurou-me depois, para me contar uma história que um dos habitantes locais lhe relatara. E despertou imediatamente a minha atenção.

Dois dias depois, inseri o endereço do homem no meu GPS e vi que ficava a menos de três quilómetros do meu. Quanto mais me aproximava, mais estranho me sentia e não fazia a mínima ideia do porquê. Só quando entrei no acesso da casa dele e saí do carro é que percebi que não estava a mais de duzentos metros da casa onde ouvira pela primeira vez a história de Pino Lella, quase onze anos antes. Aquela história mudara a minha vida.

Dirigi-me à porta, bati e a minha vida mudou novamente.

Quinze minutos depois de ouvir os pormenores da história da família Martel, eu estava mais do que interessado. Passadas duas horas, acreditava ter uma história para contar que seria uma digna sucessora daquela

que inspirara *Sob Um Céu Escarlate*. E ouvira-a no mesmo pequeno bairro onde ouvira pela primeira vez a história de Pino. Quais eram as probabilidades?

Durante os quinze meses que se seguiram àquele primeiro encontro, entrevistei sobreviventes, investiguei e viajei até locais críticos da história, incluindo as ruínas de uma casa de quinta abandonada no extremo oeste rural da Ucrânia. De lá, reconstituí a perigosa e impressionante viagem de uma jovem família de refugiados em fuga para oeste, numa carroça puxada por dois cavalos, dando por si muitas vezes presa entre os exércitos alemães em retirada e os soviéticos que avançavam no caótico ano final da Segunda Guerra Mundial.

Segui o trajeto dos Martel pelas atuais Moldávia, Roménia, Hungria, República Checa e Polónia, onde o percurso se dividia: um continuando para oeste e o outro infletindo mais de 1700 quilómetros para leste, até ao antigo local de um letal campo de prisioneiros de guerra soviético, situado nos sombrios escombros do pós-guerra, perto da fronteira ucraniana com a Bielorrússia.

Ao longo do caminho, entrevistei participantes e testemunhas oculares de *A Longa Marcha*, bem como historiadores do Holocausto, militares e refugiados, que me ajudaram a compreender o contexto em que a história dos Martel se desenrolou e porquê. Também ouvi gravações de pessoas há muito mortas, descrevendo a sua provação, e não pude deixar de sentir admiração pela coragem, humanidade e presença de espírito que revelaram perante desafios e probabilidades aparentemente inultrapassáveis.

Embora eu tivesse todo aquele entendimento e informação quando me sentei para escrever este livro, havia lacunas na história que não eram completamente explicadas pelo material limitado no qual teria de confiar.

Para preencher essas lacunas, vi-me forçado a recorrer às minhas próprias suspeitas e imaginação, para dar vida à história de um modo mais completo. O que o leitor está prestes a ler, como tal, não se trata de uma não-ficção narrativa, mas de ficção histórica baseada numa história extraordinária da Segunda Guerra Mundial e do seu rescaldo.

Enquanto termino este romance, o mundo encontra-se mergulhado na crise de um século, e o caminho a seguir parece tão perigoso e obscuro como deve ter parecido aos Martel quando iniciaram a sua viagem. Tenho como sonho que a história deles proporcione conforto e coragem aos aflitos e uma melhor compreensão do que as pessoas conseguem suportar e alcançar, mesmo quando tudo parece perdido.

PRIMEIRA PARTE

# A Longa Marcha

# Capítulo Um

***Fim de março de 1944***
***Governo-Geral da Transnístria, Roménia***

Um vento frio soprava na claridade do alvorecer. Bombas ecoavam a norte e a leste. O troar da guerra aproximava-se a cada minuto que passava.

Adeline Martel, de vinte e oito anos, saiu com dificuldade pela porta da cozinha, embrulhada nas suas pesadas roupas de inverno e carregando um caixote cheio de utensílios de cozinha, tendo como destino uma carroça coberta e atrelada a dois cavalos de tiro, que se encontrava diante da sua modesta casa na remota e minúscula aldeia rural de Friedenstal.

Um *Panzer* alemão danificado passou por ela, a tinir e chocalhar na luz da madrugada, desassossegando os cavalos. Camiões cheios de soldados alemães feridos enfileiravam-se atrás do tanque. Adeline ainda conseguia ouvir-lhes os gritos e o sofrimento torturado muito depois de terem passado, assim como conseguia ver mais camiões e mais carroças puxadas por cavalos e mulas vindos de leste, recortados contra o sol que nascia em pano de fundo.

— Mamã! — chamou o seu filho mais novo, Wilhelm, que saíra a correr pela porta das traseiras, atrás dela.

— Agora não, Will — disse-lhe Adeline, ofegante quando chegou à traseira da grande carroça em forma de «V», com oleados esticados sobre uma estrutura de madeira, de forma a criar uma cobertura protetora.

— Mas preciso de saber se posso levar isto — disse o pequeno de quatro anos e meio, mostrando-lhe uma pedra, um dos seus bens mais preciosos.

— Traz antes o teu gorro de lã — disse ela, enquanto encontrava espaço para o caixote juntamente com um outro que continha pratos, chávenas e assadeiras, ao lado de um terceiro que acomodava tachos de

barro com farinha, fermento, sal, pimenta, banha de porco e outros bens essenciais para a sobrevivência da família.

Emil apareceu vindo do outro lado da casa, carregando uma barrica com tampa.

— Quanto? — perguntou-lhe ela.

— Oito quilos de carne de porco seca. Dez quilos de carne de vaca seca.

— Deixei espaço para isso aqui atrás.

Um outro tanque passou ruidosamente, enquanto o marido dela, quatro anos mais velho, gemia e içava a pequena barrica para a traseira e começava a amarrá-la ao lado da carroça.

— Vou buscar todas as cebolas e batatas à adega — disse ela. — A roupa de cama já está arrumada.

— Vou encher com água o odre grande — disse ele, antes de outra bomba rebentar a nordeste.

Waldemar, o filho mais velho, de seis anos e meio, saiu de trás da casa, a puxar uma pequena réplica da carroça maior, tendo a dele cerca de um metro de comprimento e os mesmos lados e traseira subidos, bem como os mesmos eixos e rodas de madeira com folha de estanho pregada nas bordas.

— Lindo menino, Walt — disse Adeline, apontando para a carroça. — Vou precisar dela. — Agarrou no cabo e virou a pequena carroça. — Venham atrás de mim, rapidinho. Preciso da vossa ajuda.

Os pequenos seguiram-na até à cave e ajudaram-na a desenterrar freneticamente a reserva de batatas, cebolas e beterrabas. Em seguida, transferiram-nas para a pequena carroça e apressaram-se a regressar para junto da maior. Havia agora mais camiões e veículos blindados alemães danificados na estrada e dezenas de carroças cobertas e cavalos, todos rumo a oeste, todos a tentar fugir dos exércitos de Estaline, que estavam novamente ao ataque.

O ar tresandava a bosta de cavalo, fumo de escape, gasolina derramada e seres humanos em esforço. O barulho, o vento frio que significava a aproximação de uma tempestade, a mistura nauseante de cheiros e o nervosismo dos cavalos, tudo conspirava para deixar Adeline ainda mais ansiosa, enquanto carregavam o recheio da cave em sacas de serapilheira, isto ao mesmo tempo que Emil amarrava uma grande bexiga de borracha cheia de água ao lado da carroça, juntamente com o balde do poço.

Acima e vários quilómetros a sul, um caça alemão passou a rugir, cuspindo fumo dos motores.

— Mamã — disse Walt —, não gosto destes barulhos todos.

— É por isso que nos vamos embora — disse Emil, enquanto carregava as sacas de serapilheira na grande carroça, olhando depois com irritação para Adeline. — Deveríamos ter-nos posto a andar com os meus pais.

— Não estávamos prontos para partir com os teus pais às quatro da manhã e, como sempre, eles não quiseram esperar por nós — disse ela, bruscamente. — E…

— E, o quê?

Ela viu passar outro tanque, aproximou-se do marido e acrescentou baixinho:

— Tens a certeza, Emil? Fugirmos assim, com os nazis?

Emil respondeu-lhe num sussurro:

— Podemos ficar e esperar pelo urso que sabemos que vai matar-nos, ou violar-te a ti e matar-me a mim e aos pequenos, ou prender-nos a todos na Sibéria. Ou podemos fugir com os lobos que hão de proteger-nos, até que possamos fugir para oeste. Fugir da guerra. Fugir de tudo.

Três dias antes, um oficial alemão da SS batera-lhes à porta e oferecera-lhes proteção, se reunissem os seus pertences e partissem para oeste. Depois daquela visita, eles tinham discutido durante várias horas. Agora, Adeline olhava para ele, ainda agitada com a decisão, mas a sentir o que sempre sentia pelo marido: flutuações de humor e silêncios à parte, ele não era apenas um bom homem; era um homem experiente, um lutador e um sobrevivente.

— Muito bem — disse ela. — Fugimos com os lobos.

— E a nossa carrocinha? — quis saber Walt.

— Havemos de arranjar lugar para ela — respondeu-lhe Emil.

O vento soprou numa rajada. Castanha e encarquilhada, uma folha do outono anterior elevou-se da relva morta à esquerda de Adeline, rodopiou, deu uma volta e dançou num padrão curioso e hesitante, no restolho e em redor dela e dos pequenos, antes que a rajada suspirasse e a folha caísse suavemente na terra. Aquilo fê-la lembrar-se de uma noite muito antes, quando ela vira aparecer dinheiro no vento, uma única nota amarrotada que dançara diante dela da mesma maneira curiosa que aquela folha, como que em resposta a alguma prece primitiva e desesperada.

Adeline regressou uma última vez à cozinha, achando a folha e aquela recordação estranhamente perturbadoras, com tanto de agridoce como de misterioso, tanto de espantoso como de assustador.

*Como todas as grandes mudanças na minha vida, sopradas pelo vento.*



No outro lado da casa, Emil acabou de amarrar a carroça pequena à traseira da grande.

— Ninguém lhe põe um pé em cima, entendido? — disse ele aos seus filhos pequenos. — Se quiserem sair por trás, esperam até que eu a tire.

Walt assentiu. Will perguntou:

— Quando é que nos vamos embora, papá?

— Assim que a mamã voltar — respondeu ele — e a vossa avó e a vossa tia chegarem. Vão à casinha, se estiverem a precisar.

Os dois pequenos correram para trás da casa, enquanto os dois cavalos, *Oden* e *Thor*, se agitavam no seu lugar, mais uma vez assustados com os tanques que passavam tão perto. Emil teve de os acalmar e persuadir, até que finalmente sossegassem. Os cavalos estavam em forma e eram bem cuidados. Estavam acostumados a puxar arados e coisas pesadas. Se ele reduzisse a velocidade para fazer frente à carga nas colinas mais íngremes, e excluindo a hipótese de um deles começar a coxear ou de a carroça se avariar, Emil acreditava que aquela parelha seria capaz de levar para bem longe a sua família.

Fez uma pausa para observar a casa que construíra sozinho, resistindo a quaisquer pensamentos de pena ou remorso. Uma casa era uma casa. Haveria outras. Emil aprendera da maneira mais difícil a desapegar-se da ideia de possuir qualquer coisa durante muito tempo na sua vida. Mas olhou para o telhado durante um momento, revendo-se dois anos e meio antes, a carregar na sua carroça telhas de zinco e asnas de madeira, numa vila chamada Dubossary, cerca de trinta quilómetros a oeste.

Afastou aquela recordação e virou costas à casa e àquele telhado.

— Se Deus dá, Estaline tira — resmoneou ele, recusando-se a prestar mais atenção à casa que construíra. Na sua mente e no seu coração, a casa já ficara reduzida a pó ou ardera até às cinzas.

*Bum, bum*. O fogo de artilharia começou a norte. *Bum, bum*. As explosões ainda não eram suficientemente próximas para fazer tremer o chão, mas ele não tardou a avistar os penachos de fumo escuro nos céus a nordeste, a não mais de nove ou dez quilómetros de distância. Pela primeira vez, os verdadeiros riscos da viagem que ele e a sua família tinham pela frente tornaram-se claros, fazendo-o cambalear, tonto, contra o lado da

carroça. Deu por si atirado de volta a um dia em meados de setembro de 1941, quando se agarrara ao lado daquela mesma carroça, sentindo uma náusea implacável e o calor do meio-dia, e ouvindo os gafanhotos a zunirem enquanto ele cuspia o veneno que se lhe acumulara nas tripas. Olhara para cima com raiva e agitara o punho na direção do céu com tanta amargura que acabara por ficar novamente agoniado.

Lembrando-se daquele dia e ainda agarrado ao lado da carroça, Emil arquejou ao sentir o quanto o coração lhe doía. *Eu lembro-me. A sensação de ter a minha alma arrancada do peito.*

Adeline deixou a casa à pressa com mais algumas coisas. Os pequenos estavam a sair da casinha.

— É agora que vamos embora? — perguntou Will.

— Sim — respondeu-lhe ela. Contornou a casa e viu o marido curvado, agarrado à carroça com uma mão, ofegante, de olhos fechados e feições contorcidas de dor enquanto a mão livre se agarrava ao peito.

— Emil! — gritou ela, já a correr para ele. — O que é que se passa?

O marido sobressaltou-se e olhou para ela como se fizesse parte de um pesadelo e, logo em seguida, de um sonho desesperadamente bem-vindo.

— Não é nada.

— Parecia que estavas com problemas no coração.

— Doeu-me por um instante — disse ele, levantando-se e enxugando o suor que lhe brotava da testa. — Mas estou bem.

— Tu não estás bem — contrapôs ela. — Estás branco como a neve, Emil.

— Já está a passar. Estou bem, Adella.

— Mamã, a *Oma*[1] e a Malia vêm aí! — gritou Will.

Adeline esqueceu-se momentaneamente do marido e a sua preocupação diminuiu ao avistar a sua mãe nas rédeas de dois velhos póneis que lhe puxavam a carroça a um bom ritmo pelo meio da caravana informe de refugiados e soldados derrotados, todos com rumo a oeste.

O rosto de Lydia Losing mostrava-se mais duro e contraído do que o habitual, mas aquela mulher de cinquenta e quatro anos continuava

[1] Diminutivo coloquial alemão que corresponde a algo como «avozinha». (*N. do T.*)

a vestir-se como o fizera durante os últimos quinze anos: com os cinzento--escuros e o preto de uma viúva. Como era seu costume, Lydia estava a arengar com a irmã de Adeline, que tinha trinta e cinco anos e se inclinava ligeiramente na direção oposta à mãe, limitando-se a assentir com a cabeça e sorrir sem comentários, uma postura bastante comum entre as duas. Malia apanhara um coice de uma mula aos quinze anos, o que a deixara infantil em certos aspetos e mais sábia do que a maioria noutros. Olhou para Adeline e piscou-lhe o olho.

Teve início uma nova barragem de fogo de canhão, esta suficientemente perto para lhes abalar o chão sob os pés. Quatro caças alemães cruzaram o céu, seguidos por seis aviões soviéticos em sua perseguição. Metralhadoras abriram fogo acima deles.

— Uau! — exclamou Will, empolgado.

— Mamã! — disse Walt, e agarrou-se à cintura de Adeline.

— Toda a gente para dentro! — gritou Emil, já a correr para desamarrar os cavalos da árvore.

Quando já estava no banco com as rédeas nas mãos e verificara que tinha Adeline ao seu lado e os pequenos sob a capota atrás dele, gritou para a sogra:

— Vamos ver se hoje nos afastamos o mais possível das batalhas!

— O mais depressa que os meus póneis conseguirem levar-nos! — retorquiu Lydia.

Emil soltou o simples travão de alavanca da carroça e incitou os cavalos, que arrancaram com genica, a carroça rolando lentamente a princípio e, depois, adquirindo velocidade suficiente para se introduzir num espaço vago entre outras carroças e grupos de refugiados a pé que se desviaram para o lado, com todos os seus pertences em sacas de serapilheira, olhando com inveja enquanto os Martel passavam.

No extremo ocidental da aldeia, passaram pela casa dos pais de Emil, a casa onde ele passara a sua infância. A porta da frente estava aberta. No pátio, não havia nada que valesse a pena salvar.

Emil recusou-se a deixar que viesse à tona uma única lembrança da sua infância ou da sua vida mais recente em Friedenstal. Estava tudo acabado. A pessoa a quem tudo aquilo acontecera já não existia. No que lhe dizia respeito, agora, aquela vida fraturada não passava de escombros.

Ao lado dele, Adeline olhou para os pátios que se sucediam, vendo os fantasmas de relacionamentos passados, de crianças a brincarem e de pais a cantarem durante as colheitas, todo um modo de vida que estava ligado às estações e as celebrava.

Recordou-se de tempos mais felizes: 1922, com sete anos de idade e aos solavancos numa carroça como aquela. Enquanto se dirigiam para os campos onde os homens ceifavam o trigo, Adeline seguia sentada no banco de trás, com as cestas de comida que a mãe preparara. Era quase outubro, mas o ar ainda estava quente e cheirava a tudo o que havia de bonito na vida dela. Ela levava a cesta para o pai, o líder da colheita, que era o responsável por uma debulhadora mecânica.

Karl Losing tinha um fraquinho pela filha mais nova e sorriu quando ela lhe levou o almoço. Costumavam sentar-se lado a lado à sombra da debulhadora, a olhar para as colinas douradas pelo cereal, e comiam pão fresco com linguiça, tudo empurrado com chá frio.

Ela lembrava-se de se sentir completamente segura e totalmente apaixonada por tudo o que a rodeava.

— Vamos viver sempre aqui, papá? — perguntara a jovem Adeline.

— Para sempre e mais um dia, filha — respondera-lhe ele. — A menos, é claro, que os malditos bolcheviques levem a sua avante e acabemos lançados ao vento e aos lobos.

Na sua carroça, aproximando-se do extremo de Friedenstal cerca de vinte e dois anos depois, Adeline lembrava-se vividamente de ficar transtornada quando o pai dissera aquilo. Durante algum tempo, andara sempre a olhar por cima dos dois ombros, com receio de que os lobos deixassem a floresta e viessem atrás dela.

Sentia agora o mesmo ao abandonar a aldeia, rumando a oeste com o sol nascente e os tiros de canhão ainda a ribombarem atrás deles, passando por campos à espera de um arado, por árvores em flor, por pássaros a rodopiarem e a cantarem acima das escarpas, por sonhos destruídos, enterrados pelas realidades da fome e da guerra.

Mais caças alemães cortaram o céu, em direção às linhas de batalha.

— Para onde é que vamos, papá? — perguntou Walt, parecendo preocupado.

— Oeste — respondeu Emil. — O mais que pudermos. Para o outro lado do oceano, talvez; não sei.

— O outro lado do oceano? — perguntou por sua vez Adeline, surpreendida e um pouco assustada com a ideia.

— Porque não? — perguntou-lhe o marido, olhando para ela, que disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Não sabemos nadar.

— Aprendemos.

— Mas *porque é que* estamos a ir para oeste? — quis saber Will.

— Porque a vida vai ser melhor lá — respondeu Emil.

Um cavalo relinchou e, depois, goelou no caos instável de carretas, carroças, tanques e camiões atrás deles. As pessoas começaram a gritar e a berrar. Walt correu a espreitar para trás.

— A carroça de alguém foi atingida por um camião da Wehrmacht, um pouco atrás da carroça da *Oma* — disse ele. — Um cavalo, também. Está tudo virado e o cavalo partiu uma pata e não consegue levantar-se.

Emil estalou a língua para *Oden* e *Thor*, que se apressaram a reduzir o espaço entre eles e a carroça da frente.

Will ainda parecia perturbado. Trepou para o colo da mãe, aninhou-se-lhe contra o peito e pediu:

— Diga-me como é que vai ser, mamã.

— O quê? — perguntou-lhe ela, abraçando-o e embalando-o.

— O Oeste. Como é que vai ser?

Acariciando o rosto do filho, Adeline olhou-o nos olhos, sorriu e disse:

— Vamos para um lindo vale verde rodeado por montanhas e florestas. E com neve no alto dos picos. E, mais abaixo, haverá um rio sinuoso e campos de cereal para o pão, e hortas com vegetais para nos alimentar, e o papá vai construir-nos uma casa onde viveremos todos juntos para todo o sempre, e nunca havemos de nos separar.

Aquilo pareceu acalmar Will. O rapazinho descontraiu-se.

— Acho que há de haver outros meninos com quem brincar — disse ele.

Adeline sorriu ao ver-lhe a expressão, tão inocente e esperançosa que lhe fez doer o coração. Fez cócegas ao filho e disse:

— Imagino que haja muitos meninos com quem brincar e muito trabalho para fazer, também. Mas seremos felizes, e tu e o teu irmão hão de crescer e seguir os desejos do vosso coração.

— O que é que isso quer dizer?

Foi a vez de Emil falar:

— Que vocês serão quem quiserem ser, não o que vos disserem que têm de ser.

— Eu vou ser igualzinho ao papá — disse Will, já com os olhos a fecharem-se.

Adeline olhou para o marido, que sorriu, e depois por cima do ombro para Walt, que se deitara e estava a dormitar.

Olhou de volta para Emil, cujo sorriso se transformara em algo mais sofrido.

— Tens a certeza de que estás bem?

Ele arrotou.

— Pronto, deve ser o suficiente. Provavelmente, foi por causa do que eu estava a sentir ali atrás.

Passados alguns momentos, ela perguntou-lhe baixinho:

— Vamos encontrá-lo, não vamos, Emil? Um vale ao qual poderemos chamar o nosso lar? Um lugar do qual nunca teremos de sair?

A expressão de Emil tornou-se ainda mais tensa. Não olhou para ela, quando encolheu os ombros e disse:

— Houve alguém que em tempos me disse que, se pedires sempre uma coisa nas tuas orações, um dia a terás.

— Fui eu que te disse isso — disse Adeline, com um sorriso. — E foi a Sra. Kantor que mo disse a mim.

— Eu sei.

— É a graça, Emil. As respostas de Deus às nossas orações. Ainda acreditas na graça, não acreditas?

— Adeline, com aquilo que tu e eu vimos com os nossos olhos, há dias em que não sei se Deus nos ouve, muito menos se nos responde. Mas vou dizer-te uma coisa em que acredito.

— Qual é?

— Onde quer que acabemos, há de ser melhor do que o inferno por que já passámos.

A caravana chegou a um planalto e virou para norte, permitindo a Adeline um último olhar demorado à vida que deixavam para trás. O vento frio transformara-se em rajadas. Ouviu de novo os canhões e viu fumo que se elevava das cristas para lá da aldeia.

— Tens razão — disse ela. — Qualquer lugar há de ser melhor do que aquilo.

# Capítulo Dois

***Novembro de 1929***
***Schoenfeld, Ucrânia***

A lâmpada piscou e apagou-se. Mas Adeline Losing, de catorze anos, previra o corte de eletricidade na pequena escola que frequentava. Como tal, já acendera o lampião de querosene por cima da pia na cozinha da escola onde trabalhava, depois de as aulas acabarem.

Enquanto esfregava o último grande tacho do dia, Adeline sentia a fome, um estado bastante comum na sua vida recente. Olhou para uma saca cheia de tiras de casca de batata que estava na bancada, imaginou como a mãe poderia cozinhá-las, sentiu-se ainda mais esfomeada e, então, secou o tacho e devolveu-o à prateleira.

*Duas horas,* pensou ela, secando as mãos. *Duas horas da minha vida em troca de alguns rublos e um quilo de cascas. Vale a pena?*

Mal fizera a pergunta e já dizia a si mesma que não deveria seguir aquela linha de pensamento. Questionar o trabalho e o que recebia em troca poderia causar-lhe problemas se o fizesse em voz alta sob o regime de Estaline. Até pensar muito sobre isso poderia fazer com que as palavras lhe escapassem por acaso. E, então, o que seria dela?

*Lançada ao vento e aos lobos,* como o pai dela gostava de dizer. Era o que lhe aconteceria. Ser lançada ao vento e aos lobos nalgum lugar distante e gelado.

Adeline vestiu o seu pesado casaco de lã, presente de uma tia morta, dizendo a si mesma: *Eu não. Hei de ir para um lugar melhor na minha vida.*

Emocionou-se com a ideia de um lugar melhor. Um lugar onde ela e a sua família pudessem ter uma vida melhor do que aquela, injusta e cruel, que lhes fora atribuída. Não sabia grande coisa a respeito dessa vida futura, mas a simples ideia de «melhor» fazia-a sorrir e não se sentir tão cansada quanto poderia estar.

Enrolou a cabeça num lenço de lã, pegou na lanterna e nos seus sacos, e dirigiu-se para a porta da cozinha. Abriu-a e saiu ao encontro de uma noite fria e escura. A tremer, trancou a porta, ergueu a lanterna e partiu para oeste, para a sua casa no outro lado da vila.

*Despacha-te,* pensou ela, estugando o passo. *É o que o papá diz sempre. Se queres coisas, despacha-te. Se queres ver as coisas feitas, despacha-te.*

Ela nunca conhecera ninguém mais despachado do que o seu pai. Levantava-se antes de todos e era o último a deitar-se e, entretanto, cada minuto era passado em permanente movimento.

Adeline mantinha um ritmo constante e rápido nas ruas desertas de uma colónia agrícola que remontava quatro ou cinco gerações aos tempos em que Catarina, *a Grande*, fora czarina. Já no fim do século XVIII, as terras da Ucrânia se encontravam entre as mais generosas da Terra, com um solo rico e negro, capaz de render excelentes colheitas se devidamente semeado e cuidado.

Todavia, os camponeses que lá viviam na altura eram fracos agricultores, pelo que a imperatriz começara a aprovar a imigração de milhares de famílias alemãs. Esses alemães étnicos, ou *Volksdeutsche*, recebiam terras e ficavam isentos de impostos durante décadas, em troca das suas capacidades e dos seus rendimentos agrícolas. Tinham chegado em vagas, cultivando e prosperando num exílio autoimposto em toda a Ucrânia, fornecendo trigo à Mãe Rússia durante mais de um século.

Os *Volksdeutsche*, em especial os chamados «alemães do Mar Negro» que viviam entre Odessa e Kiev, nunca haviam sido totalmente assimilados pela cultura russa. Construíam as suas casas e projetavam cidades e vilas como Schoenfeld, como réplicas das que haviam deixado para trás na Alemanha, erigindo igrejas para perpetuar a sua fé luterana e escolas para educar os seus filhos e manter viva a sua língua nativa.

Mas, depois de várias gerações, os alemães do Mar Negro tinham acabado isolados da Alemanha e da sua cultura, quase completamente desligados das suas raízes. De um modo geral, no entanto, a vida era muito boa para os alemães do Mar Negro e para os cerca de um milhão de outros *Volksdeutsche* que viviam na Ucrânia até 1917. Antes da Revolução Bolchevique, Schoenfeld fora uma próspera colónia de alemães étnicos do Mar Negro, produzindo regularmente colheitas de alto rendimento que contribuíam para a sua alimentação e a de toda a Rússia.

Mas deixara de ser assim.

Por aquela altura, enquanto a jovem Adeline se apressava a atravessar a vila, a maioria das famílias antigas fora banida da colónia, expulsa de sua casa e das suas terras, substituída por gente da cidade que não percebia nada de agricultura. Era essa a principal razão pela qual os sovietes haviam decidido permitir que a família dela permanecesse na sua casa ancestral: o pai era o único que restava com capacidade e conhecimento para produzir uma grande colheita de cereais. Sem ele, os idiotas da cidade estariam condenados a sucessivos fracassos nas culturas, e todos em redor acabariam por passar fome.

*Mas estamos seguros,* disse Adeline a si mesma, a meio-caminho. *Foi o que disse a mamã. Eles precisam do papá, pelo que estamos seguros por enquanto. E devemos ter comida suficiente para o inverno.*

Adeline parou, erguendo a lanterna e olhando para o vulto à sua frente, escuro e imóvel na erva alta e morta. Deu um passo cauteloso e, depois, outro. Estendendo o braço da lanterna, deu um terceiro passo e, então, ficou paralisada.

O cão, um grande rafeiro, fora morto, degolado e deixado a morrer numa auréola do seu próprio sangue. O sangue estava húmido, ainda não congelara. Brilhava ali à luz da lanterna, algo que a deixou mais assustada. Alguém acabara de matar o animal.

Adeline ergueu a lanterna e olhou em redor, não vendo nada senão a pálida rodela de luz que a rodeava, sombras e escuridão. Nenhum movimento. Nenhum som além do bater do seu coração nos ouvidos e da sua própria voz que lhe ressoava no interior da cabeça.

*Diz ao papá!*

Desatou a correr com a lanterna no extremo do braço que mantinha bem esticado a seu lado ao passar por um estábulo que pertencera ao amigo do pai, na longa estrada antes da última curva que a separava de casa.

Avistou o segundo cão morto momentos depois, um pequeno *terrier*, degolado e largado na valeta. Adeline conhecia aquele cão, um ladrador amistoso, e apeteceu-lhe chorar. Vira-o ainda naquela manhã, a caminho da escola.

*Eles mataram dois!*

Agora apavorada, correu ainda mais depressa e fez por resistir a ideias sombrias, todas elas se alimentando umas das outras até lhe deixarem a mente inundada, num corrupio com o assassínio dos dois cães. Chegou finalmente ao portão de casa, uma bela construção de madeira

que o bisavô erigira quase um século antes num modesto estilo bávaro, com um amplo telhado de telhas de madeira, duas empenas triangulares e guarnições vermelhas ao longo dos intradorsos. Abrindo a tranca da porta com o joelho, avançou com um empurrão e usou o calcanhar para fechar a porta atrás de si.

— Apaga essa lanterna — ordenou-lhe o pai, sentado à mesa onde estava a consertar um arnês de couro para os cavalos da charrua, com duas lanternas acesas e suspensas nas vigas acima e, atrás, o lume na lareira.

— Papá, eu…

— Apaga essa lanterna, rapariga — disse Karl Losing. — O combustível escasseia nos dias que correm.

— Ouve o que o teu pai te diz — disse por sua vez a mãe, Lydia, atrás dele na cozinha. — E onde é que estão essas cascas? Já contava contigo em casa há muito tempo.

Adeline engoliu a sua frustração e apagou a lanterna, isto na altura em que o seu irmão de onze anos, Wilhelm, chegava das traseiras com lenha para a lareira. Pendurou a lanterna num gancho junto à porta da frente, guardou o casaco e o lenço, e, passando pelo pai e pelo irmão, apressou-se a levar as cascas de batata para a cozinha, onde Lydia tinha um pão a sair do forno de lenha.

— Cascas — disse Adeline, poisando a saca. — Um quilo inteiro. Pesei-as.

— Já despachaste as cebolas que vão acompanhá-las, Malia? — perguntou a mãe, enquanto poisava a forma de pão no fogão, para arrefecer.

— Se já tivesse, a mãe seria a primeira a saber — respondeu a irmã mais velha de Adeline, Amalia, na sua estranha cadência. Estava de costas para eles e cortava lentamente as cebolas.

— Põe a mesa, Adella — disse a mãe. — E vai encher o jarro ao poço.

— Mamã, tenho de dizer uma coisa ao papá.

— Vais é fazer o que te mandam.

Adeline sabia que era impossível argumentar com a mãe depois de aquela lhe dar uma ordem, pelo que agarrou no jarro e foi até à bomba no quintal. A temperatura começara a descer e as mãos doíam-lhe quando voltou e poisou a água na mesa. Pôs também colheres para cinco, trabalhando em redor do pai, que continuava às voltas com o arnês, absorto no seu trabalho. Quando também já pusera chávenas e tigelas para todos, Adeline postou-se mesmo à frente dele.

— Papá… — disse ela.

— Não pode esperar pelo jantar, filha? — perguntou o pai, sem nunca olhar para ela.

— Não estás a ver que o teu pai está ocupado? — acrescentou a mãe.

Adeline sentiu-se invisível, ignorada, e algo nela se quebrou, levando-a a desfazer-se em lágrimas.

— Papá, por favor! Tem de me ouvir!

Por fim, o pai desviou a atenção do trabalho, parecendo intrigado com aquela explosão.

— Mas o que é isto? Porquê as lágrimas? O que é que te deixou triste hoje?

— No caminho da escola para casa — choramingou ela —, vi dois cães mortos. Degolaram-nos. O sangue estava fresco.

A expressão do pai alterou-se. Poisou o arnês na mesa e disse baixinho:

— Tem calma, Adella, e diz-me onde foi que os viste.

O choro dela diminuiu. Adeline enxugou as lágrimas com a manga puída da camisola.

— A que distância daqui? — insistiu o pai.

— O segundo a trezentos metros? — respondeu ela. — Talvez menos.

O pai examinou as suas mãos coriáceas. Adeline sempre o achara maior do que a vida e cheio de energia, mas parecia agora subitamente mais pequeno, menos seguro de si.

Ele olhou para a mulher, que estava à porta da cozinha agarrada ao avental.

— É outra pessoa, Karl — disse ela. — Um desses novos tolos a querer marcar uma posição.

Ele engoliu em seco e assentiu:

— Esperemos que sim.

Adeline não se conteve. Deu a volta à mesa e abraçou o pai. Ele não disse nada, apenas se limitou a afagar-lhe o braço durante um longo momento.

— Tenho de terminar o meu trabalho antes do jantar, pequena — acabou ele por dizer. — Vai ajudar a tua mãe.

Ela beijou-lhe a bochecha e recuou. O pai sorriu-lhe suavemente e tocou-lhe na cara, antes de regressar ao arnês com a sovela, a agulha de olho grande e o cordão de couro.

Adeline voltou para a cozinha, onde a mãe estava a mexer cebolas e cascas de batata numa frigideira de ferro fundido.

— Mamã… — disse ela.

— É para um dos tolos — declarou a mãe.

— O quê? — quis saber Malia.

Adeline ia responder, mas a mãe olhou bruscamente para ela por cima do ombro e abanou a cabeça.

— Nada, querida — disse Adeline.

— Não vou partir-me, sabes? — disse a irmã.

— Sei.

— Estou melhor do que nunca.

— Pois estás — disse a mãe. — Melhor do que poderíamos esperar.

— Obrigada, mamã — disse Malia, e pareceu perder o fio à meada dos seus pensamentos. — O que é que vou fazer a seguir?

— Vais sentar-te, querida — respondeu-lhe Adeline. — Vamos comer.

— Oh… — disse a irmã, animando-se. — Gosto disso.

Com a exceção de Malia e Wilhelm, o ambiente à mesa naquela noite era sombrio. Adeline e os seus pais receavam o que aqueles cães mortos poderiam significar.

Não havia nenhum louco à solta com sede de sangue canino em Schoenfeld. Os homens do OGPU, a Polícia Secreta de Estaline, eram sobejamente conhecidos por matarem os cães, para que os seus latidos não os denunciassem quando saíam em busca de prisioneiros políticos durante a noite.

A certa altura da refeição, Adeline ficou espantada ao ver a colher do pai tremer e a comida cair-lhe na tigela.

A mãe poisou-lhe uma mão no cotovelo.

— Conseguiste a melhor colheita que eles tiveram em seis anos, Karl. Há escassez de cereais em todo o resto do país. Eles não podem viver sem ti.

O pai não parecia convencido.

— Eles não querem que nos demos bem, não sabes?

Olhou para a mesa por um instante e, depois, assentou-lhe um murro.

— Primeiro, os comunistas mataram todas as pessoas inteligentes que faziam com que as coisas funcionassem nas cidades. E agora querem transformar num crime qualquer coisa que seja bem-feita! O que é que aconteceu ao mundo? Como foi que acabámos num manicómio?

Olhou para a mulher, para as filhas e o filho, todos eles espantados e ligeiramente encolhidos com medo dele. Normalmente, Karl Losing era um homem calado, bem-humorado, afável até. Mas agora tinha os ombros descaídos e havia raiva e desespero na sua voz, quando disse:

— Se não cultivarmos trigo, as pessoas passam fome. Cultivamos demasiado e alimentamos demasiado, e passamos a ser um inimigo do povo. Como é que isto está certo?

— Não está — disse Adeline.

— Nem um pouco — acrescentou Malia, surpreendendo todos. — Se o papá trabalhar no duro, se se despachar, estará a fazer o que está certo, porque Deus recompensa o trabalho esforçado.

Os olhos do pai enevoaram-se enquanto ele olhava, impotente, para a sua filha mais velha afetada por uma lesão cerebral.

— Sim, querida, mas isso era quando a vida fazia sentido. Agora, não existe senão loucura.

Eles chegaram às três horas da manhã seguinte, com punhos pesados e bastões, batendo à porta da frente e acordando toda a família. Lydia começou a chorar quase de imediato, tal como a sua filha mais velha.

— O que é que está a acontecer? — perguntou, sonolento, o irmãozinho de Adeline, na cama de rodízios abaixo dela.

— Chiu — disse-lhe ela. — Eu vou ver.

Adeline levantou-se da cama, às escuras.

— Papá? — chamou ela, quando chegou ao pequeno corredor superior e viu a silhueta do pai a descer os degraus íngremes, com uma lanterna na mão.

— Deixa-te ficar aí, pequena — disse-lhe ele, baixinho, olhando para ela. — Está tudo bem.

Mas ela não se conteve e foi atrás dele, descendo dois degraus, para espreitar para baixo e para a direita, onde o pai estava especado diante da porta, a tremer.

— Abram! — ordenou uma voz em russo, no exterior.

Ele baixou a cabeça, poisou a lanterna no parapeito e puxou a tranca. Um bastão irrompeu da noite, atingindo-o no estômago. Ele cedeu, cambaleou para trás e caiu.

Adeline gritou:

— Papá!

O pai dobrou-se em dois, rebolou em agonia. Dois homens corpulentos de sobretudo escuro entraram.

— Sou o comissário Karpo do OGPU — disse um terceiro, atrás deles, mais pequeno, mais velho. — Camarada Losing, és acusado de ser um *kulak*.

— Ou seja, sou acusado de saber o que eles estão a fazer? — perguntou o pai de Adeline, sem fôlego.

Um dos homens maiores assentou-lhe um pontapé.

— Não, camarada — respondeu o comissário. — Quero dizer, alguém que rouba ao povo e ao Estado.

— Eu não roubei nada — protestou o pai de Adeline. — Dei-vos uma boa colheita.

O comissário Karpo olhou para os seus homens.

— Revistem isto. Lá fora nas traseiras, também.

— Estão à procura de quê?

— Logo saberemos quando o encontrarmos.

Lydia, Malia e Wilhelm juntaram-se atrás de Adeline nas escadas, apavorados enquanto viam os homens da Secreta algemarem Karl e deixarem-no esparramado de lado, enquanto os dois gorilas viravam do avesso o rés do chão. Passados dez minutos de revista, um deles voltou com uma grande saca de cereal.

— Encontrei-a numa arca, no barracão — disse ele.

O comissário sorriu.

— E dizes tu que não roubas nada, camarada Losing?

— Um homem tem o direito de dar um pouco mais à sua família, em troca de todo o seu trabalho árduo.

— Aonde é que foste buscar essa ideia?

Lydia empurrou os filhos para o lado e desceu as escadas em prantos.

— Por favor, não o matem.

— Matá-lo? — perguntou o comissário, divertido. — Não, agora, o teu marido vai trabalhar onde há de aprender a pensar mais no seu semelhante. Na Sibéria.

Deram uma hora a Karl para juntar as suas roupas mais quentes. Deixaram-no abraçar a mulher e cada um dos filhos, antes de o levarem até à porta.

Lydia chorava.

— Quanto tempo vai ele ficar por lá?

— Não me cabe a mim decidir — respondeu o comissário Karpo.

— O que é que vai acontecer-nos?

— O mesmo que a todos os *kulaks* — respondeu ele, e virou-lhe as costas.

— Eu hei de voltar! — gritou o pai de Adeline, enquanto era arrastado noite adentro. — Prometo-vos a todos que hei de voltar!